

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS LICENCIATURA

ISAURA CAROLINA RAMOS CAUDURO

**ARTE CONTEMPORÂNEA E ENSINO MÉDIO: DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES
DA *BODY ART* COMO CONTEÚDO DE ARTE.**

CRICIÚMA

2012

ISAURA CAROLINA RAMOS CAUDURO

**ARTE CONTEMPORÂNEA E ENSINO MÉDIO: DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES
DA *BODY ART* COMO CONTEÚDO DE ARTE.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciada no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Prof. Mndo.Marcelo Feldhaus

CRICIÚMA

2012

ISAURA CAROLINA RAMOS CAUDURO

**ARTE CONTEMPORÂNEA E ENSINO MÉDIO: DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES
DA *BODY ART* COMO CONTEÚDO DE ARTE.**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciado, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em educação e arte.

Criciúma, 27 de novembro de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Marcelo Feldhaus – Especialista em Ensino da Arte - (UNESC) - Orientador

Prof^a Ma. Aurélia Regina de Souza Honorato – Mestre em Educação – (UNESC)

Prof^a Ma. Edite Volpato Fernandes – Mestre em Educação – (UNESC)

Dedico este trabalho a meu Pai, que me disse “vai em frente” e nunca me deixou baixar a cabeça por nenhuma dificuldade que fosse. Hoje eu sou vencedora, pois você, mais do que ninguém, fez de tudo para eu estar aqui. Muito obrigada!

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aos meus pais, José e Zenair, que em todos os momentos me apoiaram fornecendo toda a ajuda necessária para minha caminhada até aqui. Foram capazes de abrir mão de muitos desejos próprios para abraçarem minha vontade em ser professora.

Outra pessoa fundamental nessa caminhada foi minha irmã Maria Tereza que em muitos momentos foi minha dupla em algum trabalho individual, foi parceira nos momentos em que precisava dela, mesmo que as vezes íamos aos trancos e barrancos, não é mesmo?

Agradeço também aquela que eu poderia citar como a que me fez e faz esquecer todas as tarefas, atividades, provas, trabalhos, estágios que tive durante esses últimos anos na Universidade: Ramon! Você é mais que meu namorado, é meu parceiro, companheiro fiel. Sem sua companhia, minhas horas vagas se tornariam monótonas e nada inspiradoras!

Agradeço também as minhas amigas, Lili, Pauline, Kamilla, Mari, Débora, que com certeza fizeram toda diferença durante minha permanência no curso. Com palavras mágicas, com ideias bacanas, com risadas fora de hora, com conversas inacabáveis, com vídeos cômicos, e principalmente com uma verdade e uma sintonia não se vê, só se sente!

Não posso deixar de agradecer aos meus mestres, que de alguma forma ou de outra contribuíram muito para minha formação. Sem dúvida, se não fosse o incentivo, o apoio de cada um, eu não teria essa vontade de ensinar cada vez mais viva dentro de mim. Pessoas como o professor orientador desta pesquisa, Marcelo. Um exemplo de mestre, iguais a ele se conta nos dedos, muito obrigada por nunca medir esforços em nos cativar e ensinar.

Agradeço as professoras Edina e Edite, que foram pessoas fundamentais também para a construção de quem hoje posso chamar de Professora Isaura. Vocês duas também são grandes exemplos para mim.

E por fim, acredito que, em meio a isso tudo, tenho que agradecer aquele me dava um sussurro no ouvido, dando bons conselhos, boas ideias, força de vontade, persistência, paciência, sabedoria, eficiência, enfim, DEUS! Sem ele toda essa energia positiva, minhas conquistas, minhas metas vencidas não seriam possíveis.

"Imponha-me uma tarefa na qual eu possa colocar algo do meu mais íntimo ser, e isso não será mais uma obrigação; isso é alegria, isso é arte."

Bliss Carman

RESUMO

Esse trabalho de conclusão de curso tem por objetivo compreender, quais os desafios e contribuições da abordagem da *Body Art* como conteúdo de arte no ensino médio na perspectiva do professor. Para entender como acontece a inserção de um determinado conteúdo pelo professor em seu planejamento, vou descrevendo durante o trabalho questões que envolvem um breve histórico do ensino da arte no Brasil, a importância do ensino da arte contemporânea na sala de aula e qual os recursos que os professores utilizam para a escolha dos conteúdos. Apresento e discuto também conceitos artísticos ligados a arte contemporânea, tomando o corpo como veículo artístico e a *Body Art*. De acordo com a definição do problema classifico a pesquisa de natureza básica e de cunho qualitativo uma vez que dialoga de forma a contribuir para as diferentes reflexões no contexto investigado. Para compreender quais desafios e contribuições na abordagem dessa temática, realizei pesquisa de campo com aplicação de questionário envolvendo quatro professores de arte que lecionam no ensino médio na cidade de Cocal do Sul/SC. Suas respostas servem como base de dados em minha análise, onde confronto opiniões, proponho paralelos entre as considerações e costuro conceitos artísticos e pedagógicos citados pelos professores participantes. Já se encaminhando para o término da pesquisa, apresento uma proposta de oficina direcionada aos professores de arte convidando-os, a participar de experimentações corporais, sensoriais e intelectuais com vistas a contribuir nas fragilidades encontradas. Por fim, trago considerações significativas que pude obter através de todo esse estudo, e assim compreender quais os desafios e contribuições da inserção *Body Art* como conteúdo de arte, reveladas pelos professores em suas escritas.

Palavras-chave: Professor de Arte. Ensino Médio. Arte Contemporânea. Corpo na Arte. *Body Art*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Pablo Picasso – Guernica, 1937.	26
Figura 2 Pierre-Auguste Renoir – Mulher com sombrinha, 1867.	27
Figura 3 Giacomo Balla - A Luz da Rua, 1909.	28
Figura 4 Van Gogh - Auto-retrato com orelha enfaixada, 1889.	29
Figura 5 Yves Klein – Antropométricas, 1960.	30
Figura 6 Orlan - Omnipresence-Surgery, 1993.	34
Figura 7 Sterlac - O corpo potencializado.	35
Figura 8 Jackson Pollock – Action Painting.	38
Figura 9 Priscilla Davanzo - Everyday people Everyday Life 2, 2008.	40
Figura 10 Shirin Neshat - Série Solilóquio, 1999.	41
Figura 11 Rodrigo Braga - Fantasia de Compensação, 2004.	43
Figura 12 Priscilla Davanzo	48

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
OCEM	Orientações Curriculares Para o Ensino Médio
DBAE	Discipline Based Art Education

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 PESQUISA CIENTÍFICA E MÉTODO: A ESCOLHA DO CAMINHO	13
2 ARTE E EDUCAÇÃO ESCOLAR	17
2.1 ARTE NO ENSINO MÉDIO: CURRÍCULO, CONCEITOS E ESPECIFICIDADES	17
2.2 CONTEÚDOS DE ARTE	20
2.3 ARTE CONTEMPORÂNEA NA ESCOLA	22
3 O CORPO COMO SUPORTE NA ARTE CONTEMPORÂNEA	25
3.1 DO MODERNO AO CONTEMPORÂNEO	25
3.2 ARTE CONTEMPORÂNEA	30
3.3 PENSANDO O CORPO NA ARTE	33
3.4 BODY ART	37
4 ANÁLISE DE DADOS	45
4.1 PROJETO DE CURSO	50
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
7 REFERÊNCIAS	58
APÊNDICE(S)	60

1 INTRODUÇÃO

O espaço escolar é o viés de entrada para novos conhecimentos, sejam eles científicos, empíricos, individuais, coletivos, de disciplinas específicas, de estudos sociais. Enfim, é nesse espaço que desde a infância o ser humano se desenvolve a partir de experiências vivenciadas ali.

Podemos observar que é na fase escolar onde desde cedo vamos nos habituando a conviver com pessoas que talvez façam parte da nossa vida por vários anos. Nesse momento também, pequenos grupos começam a se unir, se destacar pelo gosto, pela forma de se vestir, de pensar, de agir, enfim as amizades se fortalecem.

Principalmente na fase da adolescência os jovens possuem fortes ligações com o seu grupo de convívio. Trocam experiências, contam situações, partilham dificuldades, dúvidas, e vivem na expectativa de descobrir o que há de novo.

Ainda falando em adolescentes, uma característica presente nessa fase é o grande interesse pelas intervenções feitas no corpo, sejam elas, as tatuagens, brincos, piercings, alargadores. O adolescente entende essas alterações corporais como parte da identidade de cada um.

Partindo da ideia de que o uso da tatuagem, dos piercings, faz parte da identidade cultural do adolescente, e sabendo que o professor deve buscar se aproximar do contexto do aluno, retomar valores e valorizar características, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006 p. 178) nos trazem reflexões acerca dessas questões:

Valoriza-se, assim, o repertório do aluno, especialmente dos jovens em contato com as mídias, priorizando a análise dos ritos subjacentes ao modo de vestir, falar, aos gestos de cumprimento e às preferências esportivas. A identificação com o *hip-hop* pode ser dada como exemplo desses ritos na esfera urbana, com suas manifestações como grafite, tatuagens, preferências musicais, esportivas, danças de rua, etc.

Considerando a citação acima, penso como poderia contribuir e ao mesmo tempo valorizar o repertório do aluno. Eu particularmente desde a minha adolescência sempre tive gosto pelas intervenções feitas no corpo, como as tatuagens, os *piercings*. Nunca pensei em utilizar essa temática da *Body Art* como conteúdo, até porque nunca havia lido nada a respeito tão especificadamente. Foi

então que durante as aulas de Performance e Intervenção, no Curso de Artes Visuais tive minhas primeiras experiências textuais, visuais e corporais. Contudo, penso que posso contribuir por meio desta pesquisa, entendendo a Body Art como uma possibilidade significativa em sala de aula. De início é pertinente entender que a Body Art, segundo o Itaú Cultural¹:

Designa uma vertente da arte contemporânea que toma o corpo como meio de expressão e/ou matéria para a realização dos trabalhos, associando-se freqüentemente a *happening* e *performance*. Não se trata de produzir novas representações sobre o corpo - encontráveis no decorrer de toda a história da arte -, mas de tomar o corpo do artista como suporte para realizar intervenções, de modo geral, associadas à violência, à dor e ao esforço físico

A partir desse conceito fica em questão, quais as possibilidades de se trabalhar o conceito da *Body Art* partindo da realidade do aluno? O professor reconhece a *Body Art* como conteúdo de arte? Se reconhece, como ele aborda esse tema, quais materiais de apoio ele usa como suporte para essa abordagem?

A escolha dessas questões partiu de uma experiência própria, quando iniciei meu estágio do ensino médio. Procurei trabalhar a arte contemporânea enfatizando a *Body Art*. No início a dificuldade em propor atividades que contemplassem esse conteúdo foi constante, pois o material didático e documentos que me auxiliassem na construção da fundamentação teórica, não especificavam o conteúdo da *Body Art* no ensino da arte.

Além disso, a presente pesquisa é significativa levando em consideração a importância de se selecionar conteúdos que tenham relações com o cotidiano do aluno.

No papel de acadêmica vejo essa produção como uma fonte de novos questionamentos a partir desse tema, que permeia a seleção de conteúdos. Isso implica também em querer compreender quais abordagens possíveis o professor pode propor aos seus alunos.

Proponho esse trabalho em seis capítulos. Inicialmente trago a introdução seguida da metodologia utilizada nessa pesquisa. O segundo capítulo refere-se ao ensino da arte no ensino médio. Trago autores que ressaltam a importância da disciplina no contexto escolar, das experiências possíveis na sala de aula, os conteúdos relevantes e as possibilidades da arte contemporânea para contribuir no

¹ <http://www.itaucultural.org.br>

repertório dos alunos. Para assegurar minhas palavras utilizo como alicerces autores como Martins (2006), Ferraz e Fuzari (2010) e Barbosa (2003).

O terceiro capítulo apresenta reflexões envolvendo o corpo como veículo da arte. Nesse discurso trago autores como Canton (2009), Matesco (2009) e Pires (2005) para fundamentar teoricamente questões em torno da arte contemporânea enfatizando o corpo como cenário de discussão.

No quarto capítulo apresento a análise de dados, e as respostas obtidas através de um questionário aplicado com seis (mas apenas quatro me foram retornados) professores de arte que atuam no ensino médio em Cocal do Sul/SC. A escolha da cidade tem haver com o local onde resido, particularmente é uma cidade pacata e acolhedora, com poucos habitantes. Inclusive escolas com ensino médio são apenas três (um pouco mais sobre o município no site da cidade²). Lembrando que no município não há proposta curricular, deste modo faço uso de outros documentos para discutir o ensino da arte no ensino médio.

As discussões desse capítulo seguem com a proposição de um curso de formação continuada visando contribuir na formação dos professores e na mudança de realidade das fragilidades encontradas.

Para finalizar apresento as considerações finais desta pesquisa, sobretudo apontando os resultados encontrados durante a mesma.

1.1 PESQUISA CIENTÍFICA E MÉTODO: A ESCOLHA DO CAMINHO

Pesquisar é buscar soluções para áreas do conhecimento. Nesse caminho encontramos respostas para as nossas inquietações, e em alguns casos, encontramos algo que nem estava em nossos planos.

Segundo Zamboni (1998, p.43), “pesquisar é desejar solucionar algo, mas pode-se, em condições muito especiais, até encontrar algo que não se estava buscando conscientemente, sem que essa solução ocorra através da pesquisa”.

Portanto neste percurso, o pesquisador deve objetivar suas metas, e entender que nem tudo que encontrará, vai contribuir diretamente em seu objeto de estudo.

² <http://www.cocaldosul.sc.gov.br/conteudo/?item=18303&fa=2815>

Toda pesquisa requer um método para chegar aos seus objetivos. Para o autor (1998, p.43-44), “método é o caminho pelo qual – objetivos- são alcançados. Poderá haver vários caminhos diferentes, mas existirá sempre um mais adequado para ser trilhado”.

Quando admitimos métodos para a pesquisa estamos ordenando algumas situações e ações, onde o “método está sempre ligado a uma forma de ordem, implicando em organizar, trocar uma seqüência a ser seguida.” (ZAMBONI, 1998, p.55).

Ou seja, o planejar esta sempre à frente do executar, cada atitude a ser tomada pode determinar ações seguintes, e assim vai caminhando a metodologia.

Sobre a pesquisa em arte, fica evidente perceber que as metodologias utilizadas giram em torno da subjetividade e buscam respostas em caráter qualitativo, diferentemente das exatas que buscam números e se baseiam na quantidade.

Zamboni (1998, p.20-21) afirma que:

Tanto a arte como a ciência acabam sempre por assumir um certo caráter didático na nossa compreensão de mundo, embora o façam de modo diverso: a arte não contradiz a ciência, todavia nos faz entender certos aspectos que a ciência não consegue fazer.

Desse modo fica claro que toda pesquisa viabiliza conhecimento, seja ele na área das exatas ou das humanas, porém a essência se difere. Quando me refiro a essência, quero dizer que nosso principal objetivo ao pesquisar sobre Arte, é buscar questões que permeiam a poética, a estética, a qualidade e não a quantidade.

Segundo Zamboni (1998, p.21):

A educação dos sentidos e da percepção amplia o nosso conhecimento de mundo, o que vem reforçar a ideia de que a arte é uma forma de conhecimento, que nos capacita a um entendimento mais complexo e de certa forma mais profundo das coisas.

Minha pesquisa é de natureza básica, ou seja, objetiva gerar conhecimentos novos para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais e de caráter qualitativo, o que considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o

mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números (SEVERINO, 2007).

A linha de pesquisa é Educação e Arte: Princípios teóricos e metodológicos sobre educação e arte. Linguagens artísticas e suas relações com a prática pedagógica. Estudos sobre estética, semiótica, identidade, cultura e suas implicações com a arte e a educação.³

Geralmente quando se começa uma pesquisa, o pesquisador inicia seus questionamentos com perguntas como, por que ou para que essa pesquisa é pertinente? Qual a utilidade dessa pesquisa? Que resposta poderá obter a partir desse problema gerado?

Além disso, a maioria das vezes não somos nós quem escolhemos o tema, possivelmente o tema é quem nos escolhe, pois foi a partir de dificuldades encontradas ao longo de minha vida acadêmica que surgiu esse questionamento, buscando assim por meio desse projeto respostas possíveis para minha problematização.

Pensando nas possibilidades artísticas que o ensino da arte contemporânea promove em sala de aula, busquei compreender neste projeto, quais os desafios e contribuições da abordagem da *Body Art* como conteúdo de arte no ensino médio na perspectiva do professor?

A partir dessa problematização, trago como questões norteadoras: o professor de artes reconhece a *Body Art* como conteúdo de arte? O aluno do ensino médio pode compreender através das aulas de arte o conteúdo *Body Art*? A *Body Art* é inserida no currículo e no planejamento escolar pelo professor? Há preconceito por parte do docente em abordar o conteúdo *Body Art*? Quais tendências contemporâneas os professores abordam em suas aulas?

Quanto aos objetivos dessa pesquisa são de caráter exploratório com desígnio de proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito e também descritivo, que tem como tarefa primordial a descrição das características de determinadas populações ou fenômenos e uma de suas características está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática. (SEVERINO, 2007). Os objetivos se constituem em: elaborar um levantamento bibliográfico acerca da *Body Art* e

³ www.unesc.net Acesso em 01 de setembro de 2006 as 15h.

sobre a arte no ensino médio; aplicar questionário a seis professores de arte desse segmento; identificar por meio do questionário, se os professores reconhecem a *Body Art* como conteúdo de arte; analisar quais tendências artísticas contemporâneas os professores abordam em suas aulas e se incluem a *Body Art* como conteúdo; relacionar os dados da pesquisa de campo com a fundamentação teórica; compreender a partir da análise feita dos dados coletados quais dificuldade, desafios e contribuições na abordagem da *Body Art* como conteúdo de arte no ensino médio; elaborar um Projeto de Curso que sirva de instrumento para uma proposta pedagógica que mostre possibilidades de se trabalhar a *Body Art* no ensino médio.

Como descrevo anteriormente, utilizando o questionário, entrevistei seis professores que lecionam na disciplina de artes no ensino médio, em escolas da rede pública e privada do município de Cocal do Sul. Dos seis apenas quatro me retornaram, os mesmos em seguida foram analisados e transcritos no decorrer do trabalho.

O período entre o levantamento bibliográfico e a conclusão desta pesquisa se deu nos meses de agosto e novembro de 2012. De acordo com o resultado da pesquisa indico ao término das análises uma proposta pedagógica de caráter didático, com oficina temática, discutindo possibilidades de se trabalhar a *Body Art* como conteúdo de arte no ensino médio, e os participantes serão professores da rede estadual de ensino e interessados no tema.

2 ARTE E EDUCAÇÃO ESCOLAR

2.1 ARTE NO ENSINO MÉDIO: CURRÍCULO, CONCEITOS E ESPECIFICIDADES

Como qualquer disciplina no currículo escolar, o ensino da arte possui papel fundamental na formação do sujeito. Não é de hoje que sabemos quão importante é valorizar a subjetividade do aluno, respeitar suas opiniões, propor espaços de trocas de saberes, oportunizar novas experiências, e principalmente contribuir para a formação de um cidadão crítico e reflexivo.

As aulas de arte, ao longo das décadas, foram sofrendo constantes mudanças. Antes o que era visto como um espaço de lazer e diversão, hoje é um espaço de saber, de construção do conhecimento como qualquer outra área/disciplina do currículo. Segundo Nardin (2001, p.181), nas aulas de artes “importava mais a catarse emocional e o fazer espontâneo que o aperfeiçoamento da expressão e o domínio dos conhecimentos artísticos”. E, além disso, “eram restritas a meras atividades de descontração manual [...] e passaram a ser encaradas mais como espaços de lazer.” (p.181).

Outro fator importante é que nesse período a imagem não deveria ser utilizada como ferramenta de apreciação em sala de aula, pois de acordo com o que se pensava até então, ela poderia induzir e interferir na produção do aluno, o que gerava a falsa impressão de que tudo o que o aluno criasse era fruto da sua imaginação, fortemente espontâneo e ligado ao seu emocional. Porém contrapondo esse mito de que a criança se desenvolve e se expressa sem interferência de nada, começaram a surgir propostas e movimentos que buscavam resignificar as metodologias e os parâmetros do ensino da arte. De acordo com Nardin (2001, p.182):

A DBAE⁴, idealizado nos Estados Unidos em fins da década de 1950, cujas propostas passaram a ser divulgadas com maior impacto nos anos 60, propunha-se a repensar o ensino da arte como disciplina dotada de especificidades e conteúdos próprios, subdivididos em quatro categorias: a produção artística, a estética, a crítica e a história da arte.

⁴ *Discipline Based Art Education*

Apesar das especificidades limitarem de alguma maneira, Ana Mae Barbosa⁵, tratou de adaptar a DBAE a realidade brasileira, em 1980. De acordo com Nardin (2001, p.182) “ela reuniu a crítica e a estética numa mesma categoria: a leitura da obra, fazer artístico e a história da arte, resultando no que ela denominou Metodologia Triangular, hoje chamada de Proposta Triangular.”

Dessa forma o ensino da arte, deixou de ter aquele caráter recreativo e passou a valorizar a ampliação de experiências culturais, tanto na produção como na apreciação e o professor também tem saber o que valorizar e avaliar no processo do ensino e aprendizagem.

Essa proposta como muitas outras foram sendo modificadas, e muitas vezes mal apropriadas pelos professores, já que em certas situações o professor escolhe por livre arbítrio a metodologia de ensino e que conceito prefere valorizar, que conteúdos ensinar, enfim, faz sua própria proposta.

Isso não é nenhuma novidade já que ouvimos tanto durante a graduação, quando falamos em propostas, que devemos valorizar sempre o contexto do aluno, porém devemos estar baseados continuamente na metodologia triangular, assim com certeza estaremos oportunizando ao aluno um contato significativo com a arte.

Nessa perspectiva o ensinar e aprender arte requer sensibilidade, fruição, experimentação, pesquisa, educação estética, enfim são diversos fatores que contribuem para o ensino e o aprendizado. Por falar nisso, ensinar e aprender não estão separados, na verdade os dois caminham juntos. Efland (apud OLIVEIRA 2008, p.36) nos faz refletir que: “os olhos daquele que ensina e daquele que aprende não estão condenados a uma linearidade estanque, ou seja, aprendemos e ensinamos ao mesmo tempo, num círculo que se faz de idas e voltas na história.”

Desse modo, o professor não tem verdades absolutas, ele possibilita a mediação do conhecimento, mas não é o único. O aluno traz consigo uma vivência, e o professor deve valorizá-las. Além disso, o educador possui o papel de provocador e propositor, ou seja, deve gerar momentos de troca dentro da sala, tanto entre professor e aluno como entre os próprios colegas. O professor deve fazer com que cada aluno contribua para o desenvolvimento do outro, pois cada um tem uma percepção diante das coisas, sejam elas relacionadas à arte ou não, mas que

⁵ Autora e pesquisadora da área da arte em várias obras como: Tópicos Utópicos (1998); Arte-Educação: Leitura no Subsolo (3. Ed., 2001); A Imagem no Ensino da Arte (1997), John Dewey e o Ensino da Arte no Brasil (2001); Arte/Educação Contemporânea (2005) e outros.

de certa forma existam conceitos diferenciados para eles. Oliveira (2008, p.43) acrescenta que:

O sentido e a significação que as pessoas dão aos objetos, as situações e as relações, passam pela impressão que tem de mundo, de seu contexto histórico e cultura, dos afetos, das relações inter e intrapessoais. (...). Dessa forma, o mesmo objeto ou a mesma situação são muitas vezes compreendidos por elas de maneiras totalmente diferentes.

Outro fator interessante no ensino da arte é o conhecimento estético. Muitos alunos ainda não compreendem o valor dessa educação do olhar, do sensível, mas cabe ao professor oportunizar aos alunos esses momentos. Por isso o educador deve estar sempre em busca, ser pesquisador, procurar nutrir-se por meio das linguagens, dos conteúdos, das experiências. Procurar os espaços de arte, ter contato com produções artísticas e principalmente proporcionar aos seus alunos essa aproximação.

Sobre nutrir-se em arte e por arte Martins (2011, p.303) descreve que:

O objetivo era provocar encontros com a arte e não necessariamente gerar um trabalho mais específico sobre ela. Enriquecer os integrantes do grupo com o que as próprias obras traziam – poesia, fragmentos de filmes, imagens, obras de arte, trabalhos de crianças ou jovens – para alimentar olhares, percepções, pensamentos.

Ou seja, enriquecer o repertório de nossos alunos com conhecimentos em arte, promover esse contato com a área e não necessariamente produzir arte, mas conhecê-la, senti-la, faz com que o aluno aproprie-se de forma progressiva dos diferentes códigos envolvidos por esse cenário da cultura humana.

Fundamental também é a observação, perceber o que e como os alunos estão aprendendo, assimilando a teoria e a prática, que materiais gostam, afinal as turmas não são iguais, cada uma tem a sua especificidade. Cada turma é composta por alunos diferentes, sendo que cada um deles tem seu modo de aprendizado, organização e desenvolvimento.

Os PCN de Arte (1997, p.110) salientam que:

O professor na sala de aula é primeiramente um observador de questões como: o que os alunos querem aprender, quais as suas solicitações, que materiais escolhem preferencialmente, que conhecimentos têm de arte, que diferenças de níveis expressivos existem.

Mais uma vez o aluno é visto como elemento fundamental, atuante e protagonista dentro da sala de aula, pois suas atitudes contam muito dentro do espaço escolar, isso quer dizer dentro e fora de uma sala.

No caso do ensino médio, o ensino da arte se torna ainda mais significativo, já que de certa forma os alunos estão mais maduros para debater certos temas com mais autonomia, com senso crítico e reflexivo.

Além disso, o próprio aluno já traz questões pertinentes sobre temas que provavelmente contribuirão tanto para seu enriquecimento pessoal como de seus colegas.

É nesse espaço de troca de saberes e experiências, que a aula de arte diferencia-se das outras, pois o professor pode articular questões do cotidiano do próprio aluno com movimentos e linguagens da arte e também utilizar-se das mídias como veículo de produção artística. Desse modo segundo as OCEM (2006, p.178):

Baseadas no impacto das novas tecnologias, essas abordagens descentralizam os saberes tradicionais do professor e dos currículos, valorizando as diversas formas de manifestações artísticas e estéticas ligadas ao cotidiano social e privado dos indivíduos.

Portanto, o ensino da arte, em espaços que proporcionem aos alunos esse contato diferenciado, contribui na formação do sujeito, mesmo que ele opte por um caminho muito distinto da arte, seu senso crítico, sua visão de mundo será menos estereotipada e mais sensível.

2.2 CONTEÚDOS DE ARTE

Para Fusari e Ferraz (1993, p.102) conteúdos de arte são:

Aspectos essenciais selecionados pelos professores dentre os conhecimentos artísticos e estéticos produzidos historicamente e em produção pela humanidade nas diversas modalidades artísticas (música, artes visuais, teatro, dança, artes audiovisuais, dentre outras).

Ainda segundo as autoras (2001, p. 53) “a prática-teoria artística e estética do professor deve estar conectada a uma concepção de arte, assim como a consistentes propostas pedagógicas. Em síntese, ele precisa saber arte e saber ser professor de arte.”

A prática do professor deve estar ligada a uma proposta pedagógica que referencie os documentos norteadores como os PCN, as propostas curriculares, o PPP da escola e autores que conceituam os conteúdos.

Fusari e Ferraz deixam claro que a seleção dos conteúdos é feita pelo professor, porém deve basear-se em alguns critérios de seleção. De acordo com os PCN (1997, p. 56) o professor precisa considerar:

Conteúdos compatíveis com as possibilidades do aluno; valorização do ensino de conteúdos básicos de arte necessários a formação do cidadão, considerando, ao longo dos ciclos de escolaridade, manifestação artísticas de povos e culturas de diferentes épocas, incluindo a contemporaneidade; especificidades do conhecimento e da ação artística.

O conteúdo deve ser selecionado levando em consideração as possibilidades do aluno, a realidade onde o mesmo está inserido. Por isso é importante contemplar em sua proposta temas relacionados à arte e ao cotidiano do aluno, uma vez que é necessário que se faça entender que a arte é de todos e para todos. A proposta curricular de Criciúma (2008, p.107) destaca:

A importância de partir do conhecimento, produzido nas práticas culturais, sua relação com o contexto social local e os processos históricos da humanidade, não perdendo, assim, a máxima dialética, da relação entre as partes e o todo.

Os professores devem então contemplar na escolha dos conteúdos, experiências dos alunos, suas vivências, concepções estéticas, cotidiano, necessidades, o que já conhecem, o que já lhe é familiar e principalmente o que não conhecem.

Além disso, os conteúdos de Artes Visuais nada se assemelham com atividades festivas, ou práticas artísticas de outras disciplinas, mas sim devem desenvolver a expressão, a fruição, criação, os mesmos sendo abordados dentro do currículo da disciplina.

Quanto a isso a Proposta Curricular de Criciúma (2008, p.115 e 116):

Por meio do espaço do ensino de Artes na Educação Infantil, o/a professor/a organiza o currículo escolar com base nos conteúdos de Artes Visuais. Estes conteúdos não devem ser substituídos pelo uso das atividades artísticas nas outras áreas do currículo, nem por atividades festivas da escola.

É nesse sentido que o professor ao escolher os conteúdos deve compreender que atividade não significa conteúdo. Usar determinados conteúdos como atividade, não estará contemplando o que propõe os documentos norteadores. Os conteúdos de arte também devem contemplar a interdisciplinaridade. A Proposta Curricular do estado de Santa Catarina (1998, p.194):

Os conteúdos a serem abordados deverão contemplar uma postura interdisciplinar e devem corresponder às linguagens visual, cênica e musical. Isto significa dizer que o professor de arte terá como ponto de partida, no seu planejamento, a linguagem específica de sua formação.

Isso não quer dizer que o professor habilitado em Artes Visuais não poderá trabalhar conteúdos da linguagem musical ou demais linguagens. Afinal, quanto mais puder enriquecer o acervo intelectual e sensível do aluno melhor:

Entretanto, as outras linguagens enriquecem as possibilidades de criação e produção. Contudo, ao transitar por outras linguagens, o professor necessitará selecionar os conteúdos de maneira sensata, para que eles não fiquem fragmentados e distantes do objeto de estudo. (SANTA CATARINA, 1998, p.194).

Importante é compreender que a escolha dos conteúdos por parte do professor que trabalha as várias linguagens da arte, deve estar conectada a todo o momento entre uma linguagem e outra, pois fragmentar o conteúdo faz com que o objeto de estudo se perca ao longo das aulas. Os alunos compreenderão o conteúdo de forma não contextualizada e não é isso que se busca durante as aulas de arte, já que para o conhecimento tornar-se significativo ele não deve perder a relação entre as partes e o todo.

2.3 ARTE CONTEMPORÂNEA NA ESCOLA

Quando compreendemos a importância do ensino de arte na escola e a escolha de conteúdos que contribuam na formação do sujeito, é necessário falar também sobre a inserção da arte contemporânea no currículo da disciplina.

Sabemos que não é fácil trabalhar esse conteúdo em sala de aula, até porque tudo ainda parece nebuloso e incerto. Na verdade tudo que está em constante

transformação é difícil conceituar, já que a todo o momento algo se torna inusitado e muitas vezes inexplicável.

De fato o inexplicável pode ser atribuído a muitas produções artísticas, desde o Dadaísmo, por exemplo, até a contemporaneidade.

Ainda sobre a inclusão da arte contemporânea no planejamento, sabemos que uma das dificuldades é a falta de fundamentação teórica e artística que os professores tem sobre essa temática.

Atribuo essa ausência do conceito sobre arte contemporânea por parte dos professores, a falta de experiências mais significativas com a arte. E de acordo com Nardin (2001, p.211):

Essa situação dificulta muito a leitura das produções contemporâneas, haja a vista o jogo de sentidos que propõem ao espectador, por meio da metalinguagem, da citação, da apropriação, da incorporação, da contaminação, da intertextualidade, da paródia e/ou da crítica voraz as conformações do passado e da sociedade atual.

Ou seja, o professor, por falta de repertório, não se permite mergulhar, e tenta de qualquer maneira compreender, tirar conclusões, buscar respostas para as produções.

Diferentemente do que propunham muitos professores, e que muitos ainda utilizam-se desse método, aonde cada movimento artístico vinha inserido em uma apostila, e o professor seguia seu plano de ensino de acordo com aquela sequência, hoje o professor que inclui a arte contemporânea no plano deve saber que ela não virá especificada, com conceitos formados e imutáveis, pois suas características são variadas, seus conceitos muito abrangentes e na maioria das vezes subjetivos.

Segundo Barbosa (2003, p.36) “a arte contemporânea, está ancorada muito mais em dúvidas do que em certezas, desafia, levanta hipóteses e antíteses em vez de confirmar teses.” Portanto, enquanto apreciadores devemos compreender que ao buscarmos explicação, ou como diz a autora, confirmações, estamos indo contra a proposta e a ideia de contemporâneo.

Hoje, os professores de arte são indagados pelos alunos quando mostram alguma produção contemporânea para a turma. O aluno faz comentários do tipo “*Esses quatro riscos são arte?*”, “*Esse cara é artista por que coloca uns ferros retorcidos e chama de escultura?*”, “*Porque isso é arte professora?*”, “*Quer dizer que se eu fizer isso eu também sou artista?*”. E muitos professores não estão prontos o

suficiente para responder a essas questões - quando digo, prontos, quero dizer que provavelmente sua bagagem de leitura, de apreciação, de contextualização não é suficiente para lhe fornecer esse suporte - é aí que muitas vezes se resume o porquê que a arte contemporânea não é inserida no planejamento pelo professor.

Outro fator que se atribui para o não ensino da arte contemporânea na escola, além dessa falta de bagagem artística e estética, é que muitas das tendências contemporâneas baseiam-se em concepções menos clássicas, mais voltadas para as tecnologias, as mídias, as vertentes artísticas como a instalação, a *body art*, a *performance*.

Diferentemente da arte clássica que se dividia em vários movimentos artísticos, vanguardas, onde cada um propunha uma ruptura do conceito de arte, nada se compara ao que vemos hoje no cenário da arte contemporânea.

As rupturas acontecem a cada produção, a cada experiência, a cada questionamento proposto pela obra. Cabe a arte contemporânea proporcionar rupturas na maneira de pensar arte, e não apenas rupturas de técnicas, de ideologias e finalidades.

Nesse aspecto é que a arte contemporânea se distancia um pouco das escolas, e do ensino da arte em si, pois aquela visão de arte tem relação direta com o perfeito foi completamente desconstruída. Antes o professor chamava de bonito, atribuindo nota dez a produção do aluno, quando a mesma estava desenhada igual a realidade, a forma como pintava - geralmente no mesmo sentido - , e pequenos detalhes supérfluos como, a casa tem porta, tem que pintar o chão, o céu é azul, a árvore é verde, enfim aquelas teorias construída pelos professores ao longo dos anos, baseados muitas vezes em práticas e metodologias que hoje não dão mais conta do contexto em que o aluno está envolvido.

Hoje o conceito pessoal do aluno deve ser muito mais valorizado do que a própria produção em si. As vivências e experiências que o aluno carrega consigo não podem ser mediadas por um desenho em uma folha branca.

3 O CORPO COMO SUPORTE NA ARTE CONTEMPORÂNEA

3.1 DO MODERNO AO CONTEMPORÂNEO

Segundo Canton (2009, p.15) “a arte moderna toma corpo num contexto de grandes transformações que ocorre sobretudo a partir do século XIX.”

Com a Revolução Industrial, duas Guerras mundiais, a urbanização das cidades e o ritmo frenético da população, nasce uma nova classe social, a burguesia.

De acordo com Canton (2009, p.17) “essa nova classe social necessitava de uma nova forma de arte para se legitimar culturalmente.” Ou seja, o que já estava imposto não era novidade, as regras ditadas pelas academias de arte perdiam força enquanto surgiam novas maneiras de produzir artisticamente.

Nesse período o que impulsionava a criação era a busca pelo novo, em que cada criação tentava superar a anterior e também as linguagens para buscar singularidade a cada obra.

Nasce assim as correntes artísticas conhecidas até hoje com os *ismos*: expressionismo, impressionismo, cubismo, futurismo, surrealismo, fauvismo e outras. “De modo geral, podemos afirmar que a arte moderna, que se iniciou a partir da segunda metade do século XIX e abarcou todo século XX, teve como propulsor o desejo do novo, simbolizado pelo conceito de vanguarda.” (CANTON, 2009, p.18)

O termo vanguarda significa a frente da guarda, termo de guerra que pressupõe dois conceitos, estar a frente o mesmo que fazer algo novo, e de guarda que esta associado a ruptura (CANTON, 2009).

Com esses termos atribuídos as produções artísticas de cada corrente, a ideia de ruptura, de originalidade e novo foi cada vez mais se consolidando ao longo do século por artistas que consagraram a história da arte até os dias de hoje.

Em um período de grandes transformações, com tantas mudanças no setor das indústrias, na sociedade com os conflitos oriundos das guerras, a arte também precisava tornar-se inovadora.

Canton (2009, p.19) afirma que uma das principais “novidades surgidas no século XIX e que teve impacto fenomenal sobre a arte foi a fotografia. [...] A

fotografia liberou os artistas, até então incumbidos de registrar nas telas pessoas, paisagens e fatos históricos para a posteridade.”

Ou seja, a fotografia cumpria o papel de registrar a realidade e o artista poderia então realizar novas pesquisas e experimentos com suas tintas, pincéis e principalmente liberdade de criação.

Nesse momento os artistas tentavam se auto-afirmar e desejavam fazer uma arte que reproduzisse e espelhasse seu tempo. Por isso para compreender certas produções da época é interessante conhecer todo contexto e os processos históricos vividos até então. Sobre isso a autora (2009, p.20) ainda ressalta “é preciso aliar sensibilidade pessoal do observador, que se torna cada vez mais afiado no próprio exercício de vivência e observação das obras de arte”.

Figura 1 Pablo Picasso – Guernica, 1937.



Fonte: http://educaterra.terra.com.br/voltaire/mundo/guernica_eta.htm

Com liberdade e autonomia artística, as produções revelam novos posicionamentos e conceitos artísticos e estéticos. É o caso dos impressionistas, que abandonam as técnicas acadêmicas e vão em busca de luminosidade natural e impressões pessoais sobre paisagens, pessoas, objetos e principalmente cenas do cotidiano registrando ao ar livre sua obra.

Se a fotografia tinha a incumbência de registrar a realidade, por outro lado a arte tinha uma sensibilidade a mais, um teor expressivo que não a deixava inferior a tão inovadora fotografia. Um dos grandes artistas impressionista foi Pierre-Auguste Renoir (1841-1919)⁶, que por sua vez registrava cenas cotidianas de forma elegante e delicada.

⁶ Mais informações sobre Renoir <http://graficaverdana.com.br/cultura/?p=2266>

Figura 2 Pierre-Auguste Renoir – Mulher com sombrinha, 1867.



Fonte: <http://graficaverdana.com.br/cultura/?p=2266>

Já no futurismo, por exemplo, o que se traduz em suas obras é um encantamento com o ritmo veloz e urbano das cidades. Suas pinturas e esculturas revelam movimento e velocidade em obras visualmente estáticas. Renomado artista futurista, Giacomo Balla⁷, expressava em sua tela os novos avanços científicos e tecnológicos, mas também sensibilidade de olhar e qualidade estética. No futurismo segundo o site Itaú Cultural⁸ a exaltação da máquina e da "beleza da velocidade", associada ao elogio da técnica e da ciência, torna-se emblemática da nova atitude

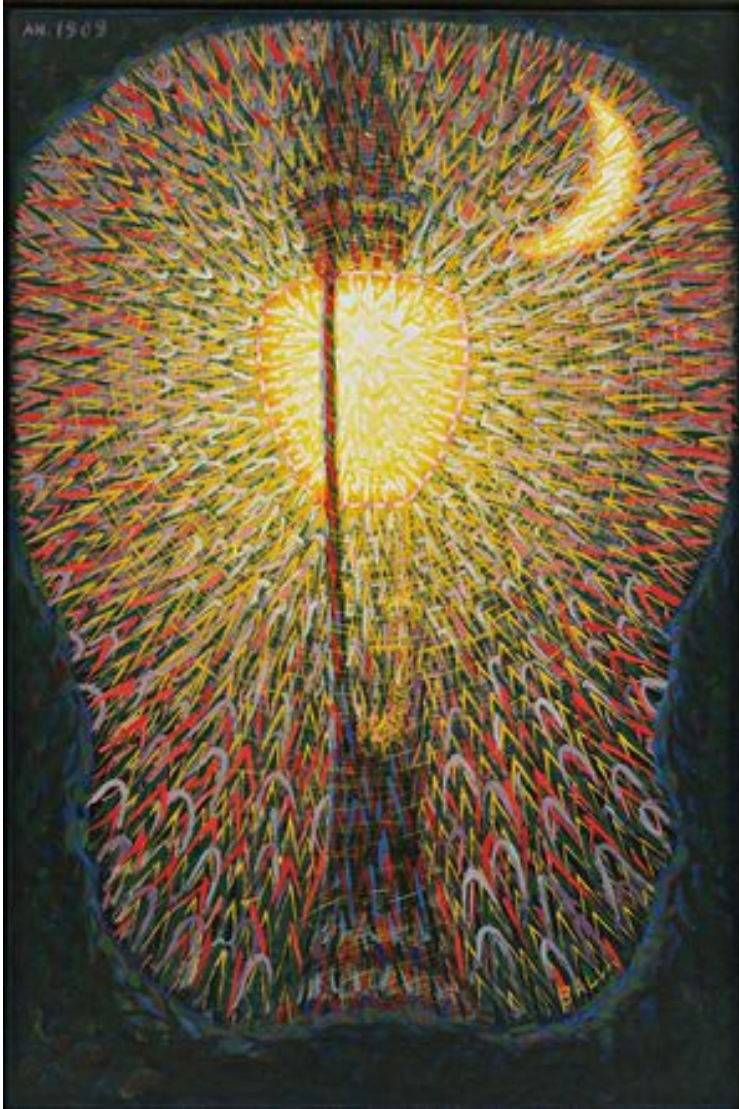
⁷ Mais informações sobre Giacomo Balla

http://www.acrilex.com.br/cultura_grandesmestres_giacomoballa.htm

⁸ <http://www.itaucultural.org.br>

estética e política. Uma outra sensibilidade, condicionada pela velocidade dos meios de comunicação, está na base das novas formas artísticas futuristas.⁹

Figura 3 Giacomo Balla - A Luz da Rua, 1909.



Fonte: http://www.soniavandijck.com/brasil_modernismo_nanterre2008.htm

Nessa fase onde os artistas ainda buscavam a inovação e a originalidade cada vez mais eles abandonavam radicalmente a imagem realista. No caso do expressionismo por exemplo abordava particularmente emoções como medo, horror a doença e a morte. De acordo com Canton (2009, p.24) o que unia os artistas expressionistas “era um desejo de expressar, por meio da arte, a grande verdade do

9

http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=358&cd_idioma=28555&cd_item=8

ser humano, mesmo que essa verdade fosse diferente do que se vê através do olhar comum.”

Um grande exemplo da pintura expressionista é Van Gogh¹⁰ e a obra Auto-retrato com orelha enfaixada, que indiscutivelmente marca e registra parte significativa da vida e obra do artista holandês.

Figura 4 Van Gogh - Auto-retrato com orelha enfaixada, 1889.



Fonte: <http://comover-arq.blogspot.com.br/2011/04/o-artista-das-emocoes-vincent-van-gogh.html>

Além do distanciamento da realidade em busca de inovação, os padrões de cores também foram abandonados. De acordo com Canton (2009, p.25) os artistas não precisavam mais escolher cores de acordo com a realidade [...] Como se a arte quisesse transformar a realidade, e não simplesmente reproduzi-la.

E nesse percurso, os artistas iam explorando novas técnicas, materiais, possibilidades, até que iniciaram as experimentações com o próprio corpo. Canton (2009, p.25) “afirma que os artistas modernos já utilizavam o corpo como moldura para a produção contemporânea.”

¹⁰ Mais informações sobre Van Gogh em <http://www.vangoghmuseum.nl/vgm/index.jsp?lang=nl>

Um exemplo por ela citado, é o artista Yves Klein¹¹, que pintava o corpo nu de suas modelos com tinta azul, e carimbava em suportes ou superfícies como tecidos e telas.

Figura 5 Yves Klein – Antropométricas, 1960.



Fonte: http://obviousmag.org/archives/2011/06/yves_klein_-_o_vazio_em_cada_um.html

Porém na contemporaneidade o corpo não assume função de tela, como na arte moderna. Nas obras contemporâneas em seu conceito e sensibilidade o corpo assume postura de sujeito e objeto, que parecem um só, concomitante de veículo e ator, artista e obra.

3.2 ARTE CONTEMPORÂNEA

O conceito de arte pode estar atrelado a diversas concepções artísticas, estéticas, filosóficas, e outras. A busca por um conceito concreto e imutável bate de frente com ideias ligadas a produções, a mecanismos de criação, as linguagens, sentimentos, simbologias que nem sempre são explicáveis. De acordo com Coli

¹¹ Mais informações sobre Yves Klein em <http://www.yveskleinarchives.org/>

(2006, p.7) sobre respostas claras para a pergunta "o que é arte?, de fato são divergentes e contraditórias."

De certa forma sabemos quando estamos diante de uma obra ou não, ou até se perguntarmos a alguém o que é arte, podemos ficar satisfeitos com a resposta, já que todos nós somos capazes de identificar algumas produções da cultura (COLI, 2006).

Portanto ainda segundo Coli (2006, p.8):

É possível dizer, então que arte são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo, isto é: nossa cultura possui uma noção que denomina solidamente algumas de suas atividades e as privilegia.

Diante disso, fica evidente que para ser uma produção artística, o produto, deve passar por mãos humanas. Sabendo que arte é produto da criação humana, me questiono, toda produção humana pode se tornar arte?

Para Coli (2006, p.10):

Para decidir o que é ou não arte, nossa cultura possuiu instrumentos específicos. Um deles essencial é o discurso sobre "o objeto artístico" ao qual reconhecemos competência e autoridade. Esse discurso é o que provém o crítico, o historiador da arte, o perito, o conservador de museu. São eles que conferem o estatuto de arte de museu.

Além disso, existem locais que garantem o estatuto da arte, espaços como museus, galerias, salas de concerto, cinemas "de arte", enfim, locais que se denominam como espaços culturais.

O processo artístico sofreu muitas mudanças, chamadas de rupturas, essas rupturas trouxeram para a história da arte avanços na criação, no pensar, na produção, na contemplação e na freqüentação. Isso não quer dizer que quanto mais recente, mais inovadora é uma obra. De acordo com Coli (2006) na maior parte das vezes, atribuímos aos movimentos artísticos como o impressionismo, o surrealismo e o romantismo um poder excessivo: o de encarnarem uma espécie de essência a qual a obra se refere. De que estilo é tal pintor? Enquanto não colocarmos uma etiqueta em cima, não sossegamos.

De fato não é uma atitude coerente, na realidade nesse caso acabamos limitando a perspectiva artística e criadora do artista. Ele - o artista - não costuma

poetizar, pensando que alguém vai compreendê-lo, rotulá-lo, na verdade a intenção é sensibilizar, é provocar. Coli (2006, p.111-113) afirma que:

A arte tem assim uma função que poderíamos chamar de conhecimento, de "aprendizagem". Seu domínio é o do não racional, do indizível, da sensibilidade: domínio sem fronteiras nítidas, muito diferente do mundo, da ciência, da lógica, da teoria. [...] Arte constrói, com elementos extraídos do mundo sensível, outro mundo, fecundo em ambigüidades.

Nesse percurso direciono meu olhar para o conceito de arte, compreendendo o processo de estatuto da arte, a função dela e o que diferencia uma obra de uma não-obra, percebo que desde as produções primitivas - mesmo eles não se "vendo" como artistas - a história da arte reafirma a cada dia seu intuito de provocação, de desacomodar quem a observa e de gerar "murmúrios".

Nesse caso para Konesti (apud MAKOWIECKY, 2008, p.19), "hoje, a arte contemporânea abre um espaço para uma experiência de muitas interrogações, de muitas inquietações e de estranhamento". Deste modo, em alguns casos a arte nos instala uma situação de desconforto. Outro fator evidente nas obras contemporâneas é "sua ambição política, psicológica, pornográfica ou qualquer outra coisa" (GARDNER 1996, p. 9). Em outras épocas o produto artístico tinha uma finalidade diferente, por exemplo, a arte possuía função religiosa. E qual sua função hoje? A finalidade da arte contemporânea é outra.

Konesti (apud MAKOWIECKY, 2008, p.20) nos questiona:

Como chamar a arte de um objeto que se apresenta tão desprovido de ambientação e tão relutante ao nosso acesso? Não ter uma ambição parece a principal característica dessa arte, desde que ao longo dos últimos anos a arte passou por experiências que modificaram intensamente seu significado.

Por isso a arte produzida hoje é tão criticada por aqueles que desconhecem a função que ela exerce na contemporaneidade. Na verdade, criticar requer conhecimento, afinal julgar sem conhecer, não costuma ser uma atitude justificável.

O fato é que a arte hoje para alguns, não possui qualidade estética, pois certamente estão submersos ainda a um conceito ultrapassado de arte; a ideia de o perfeito ser o bonito ainda é muito forte.

E o que é ser "perfeito e bonito" na arte? Na verdade o que consideramos em uma obra de arte é o seu valor estético, contemplando o belo, e não o bonito. Na

arte, belo não significa a busca pela realidade, ou semelhança a ela. A estética que estuda o belo implica em compreender que "o gosto é a faculdade de julgar o belo" (LACOSTE, 1986, p.27).

3.3 PENSANDO O CORPO NA ARTE

O corpo é atualmente, uma identidade provisória, ou seja, ao mesmo tempo em que busca se redefinir pelos padrões impostos pela sociedade e principalmente pela mídia, ele o modifica de maneira a se tornar único e atualizado. Atualizado no sentido de estar se adequando as tecnologias cirúrgicas e a certos modismos da contemporaneidade.

O ser humano tende a seguir ideologias e padrões de beleza com intuito de se distanciar da velhice, isso quer dizer que ele faz uso de cosméticos, suplementos, submete-se a cirurgias plásticas, e arrisca sua própria vida em clínicas estéticas em busca da tão almejada perfeição.

Medeiros (2009, p.35) afirma que "a banalidade imposta pelo crescimento da indústria das cirurgias plásticas expande constantemente o limite de modificação e reconstrução do corpo." Ou seja, aquele corpo que antes, era permanente, hoje já não é mais. O limite entre o natural e o artificial já não é um "bicho de sete cabeças", na verdade essa atitude de modificar o corpo é muito comum, desde um procedimento estético de uma correção de orelhas, por exemplo, até reduções de estômagos e mudanças de sexo. Até que ponto o ser humano é capaz de intervir em sua própria pele e em seu corpo?

Além desses tipos de alterações corporais, existem os implantes, como os transplantes de órgãos e membros, até peças artificiais que prolongam a vida, como válvulas e marca-passos por exemplo.

Já não se pode prever o quão longe o ser humano chegará, já que se faz de tudo para prolongar ainda mais a vida. E é nesse viés das mudanças, entre o natural e o artificial que podemos/devemos nos questionar quais seriam as conseqüências dessas atitudes. Medeiros (2009, p.35) ressalta que:

Seus limites biológicos são rompidos e a diferença entre o humano e a maquina torna-se cada vez mais nebulosa. Desta forma, ao invés de um corpo integro, multiplicam-se os compor híbridos entre orgânico e inorgânico, e a antiga estrutura unicamente biológica torna-se gradualmente obsoleta, dando lugar a um homem pos-organico.

Essa combinação contemporânea entre corpo e tecnologia, não favoreceu apenas aqueles que por algum propósito são motivados a fazer alguma mudança corporal. A arte também se apropriou dessa possibilidade para romper com certos paradigmas impostos pela sociedade. Na verdade, hoje o corpo é um dos principais veículos de produção artística. De acordo com Medeiros (2009, p.37):

Os avanços tecnológicos propiciam aos artistas novas maneiras de manipular e reconfigurar o próprio corpo. Assim, as intervenções artísticas vêm adquirindo novos níveis de detalhamento e sofisticação, resultando na emergência de performances que ultrapassam as fronteiras da pele, adentrando o corpo, seus músculos, órgãos e fluidos.

Um grande exemplo do uso das tecnologias na arte são as produções da artista Orlan. Ela explora diversas técnicas e geralmente se apropria das tecnologias para estabelecer relação entre corpo e arte. Segundo próprio site da artista¹², ela foi a primeira artista a usar a cirurgia como meio artístico. Seu trabalho usa todas as descobertas científicas, tecnológicas e médicas por questioná-los.

Figura 6 Orlan - Omnipresence-Surgery, 1993.



Fonte: <http://janelfeliz.wordpress.com/2011/06/06/orlan%E2%80%99s-omnipresence-by-janel-feliz-martir/>)

¹² <http://www.orlan.net/biography/> acesso em quinze de setembro de dois mil e doze as 14h30 min.

Esse tipo de intervenção no corpo gera repulsa, angústia, porém mais do que isso ela nos provoca, questiona. Essa atitude provocadora da arte contemporânea é umas de suas principais características. Além de Orlan, outro artista como o australiano Sterlac¹³ também utiliza-se de tecnologias para produzir artisticamente.

Segundo Pereira (2009, p. 38) “o artista vem propondo novas extensões corporais com a finalidade de ampliar e intensificar, por meio da alta tecnologia e robótica, as capacidades sensoriais, operacionais, funcionais, perceptivas e motoras do ser humano”.

Figura 7 Sterlac - O corpo potencializado.



(Fonte: <http://lesmalesherbes.blogspot.com.br/>)

Essa atitude de unir tecnologia, mas principalmente corpo e arte podem estar atribuídos a fatores históricos.

Matesco (2009, p.7) afirma que “na segunda metade do século XX o corpo é focalizado em happenings ações, performances, experiências sensoriais, fragmentos

¹³ Mais informações sobre Stelarc em <http://www.artesquema.com/wp-content/uploads/2009/01/stelarc.pdf>

orgânicos, o que afirmaria a noção de um corpo literal como singularidade da arte contemporânea.”

Esse foco no corpo se deu por conta das concepções criadas ao corpo idealizado expresso pelo nu. Além disso, ainda segundo a autora (2009, p.7):

Se no século XX a arte moderna subverte a tradição do nu, através da fragmentação e da deformação do corpo, na segunda metade do século essa crise da outrora equilibrada visão antropocêntrica é ainda mais acentuada uma vez que a matéria a animalidade e a cruzeza passam a ser exploradas.

Ou seja, a expressividade colocada nas telas pelos artistas, hoje são expressas por um corpo, corpo esse híbrido e ao mesmo tempo mutável, mas principalmente, ator, veículo e obra. Para Canton (2009, p. 24):

Os artistas contemporâneos não lidam com o corpo como tela. Nas obras contemporâneas, em suas sensibilidades diversas, o corpo assume os papéis concomitantes de sujeito e objeto, que aparecem mesclados de forma a simbolizar a carne e a crítica, misturadas.

A representação do corpo, nesses casos, não está mais ligada a concepções de beleza e a padrões estéticos. A poética está no conceber essa obra, e por muitas vezes por ser de caráter efêmero essa ações artística acontecem diante de nossos olhos, mas não estamos prontos o suficiente a ponto de fruir e deleitar-se diante delas.

De fato muitas obras que utilizam o corpo como suporte, ou o corpo como veículo, são submissões de dor e de sofrimento para alguns artistas. Mas será que aquela ideologia corporal da representação e expressão do nu e hoje revelada por fragmentos orgânicos, pode achatam a riqueza de sua complexidade? Para Matesco (2009, p. 8):

Certamente, a exposição de dimensões do corpo antes reprimidas a profana a idealização de sua imagem e representação do Ocidente. No entanto, fazer o caminho oposto e afirmar a literalidade de um corpo primário é apagar a sua ambigüidade constituinte.

Nesse caminho no qual a arte se opõe a certos padrões, ela se define e se reafirma a cada dia. É incrível pensar que a busca por tantas “novidades”, o ser humano se distanciou tanto do seu próprio eu, indo buscar inspiração em outras

coisas, como em paisagens, em situações do cotidiano, e esqueceu de que o próprio corpo é veículo para produção artística. Tanto é que hoje a tendência contemporânea está atrelada a simplicidade no fazer, porém seu princípio é carregado de simbologia, códigos, críticas e poesia.

Agora voltando a falar um pouco mais sobre as produções que passam por processos tecnológicos e cirúrgicos, como é o caso das obras de Orlan, me questiono sobre aquilo que me refiro acima como dor e sofrimento nesses tipos de produções.

A questão é em que vertente artística se vincula esse tipo de produção? Seria a *Body Art*? Para responder essa questão, Matesco (2009, p. 37) afirma que:

Apesar de as performances de Orlan parecerem continuações fiéis dos preceitos instituídos pela *Body Art*, a artista faz questão de demarcar diferenças, afirmando haver mais distancia que aproximação entre a sua Arte Carnal e as manifestações da *Body Art*. Um dos principais diferenciais entre as duas manifestações é que a Arte Carnal não almeja a dor. [...] A artista não deseja sofrer, ela observa o próprio corpo aberto sendo manipulado e nada sente, ao contrario do espectador, que sofre ao assistir o corpo da artista sendo aberto cirurgicamente, ter suas carnes expostas e manipuladas e ver o sangue fluir

Contudo apesar de usar o corpo como veículo e protagonista de sua produção, a artista Orlan afirma que não considera seu trabalho como *Body Art*, e sim Arte Carnal, pois ela não tem a intenção de sofrer pelos processos da produção artística.

3.4 BODY ART

A arte contemporânea traz consigo uma série de novas possibilidades, ou seja, o artista não necessariamente precisa fazer uso de telas e pincéis em suas produções artísticas, ele pode ir além, usar seu corpo como objeto de arte.

Conhecendo um pouco da trajetória dessa maneira de produção artística, que usa o corpo veículo, pode-se destacar Jackson Pollock e a *action painting*¹⁴.

14

O termo *Action Painting* qualifica em simultâneo uma técnica pictórica e uma corrente artística associada ao movimentado Expressionismo Abstrato, desenvolvido desde os inícios da década de 1940 nos Estados Unidos da América e na Europa, onde se tornou conhecido por Informalismo

Pires (2005, p. 69) afirma que o surgimento da *Body Art* se dá a partir do processo criativo de Jackson Pollock¹⁵. De acordo com ela:

Pollock faz com que o processo de criação ganhe destaque e desperta um grande interesse. O fato de várias de suas telas serem executadas diante de uma plateia transforma o ato de pintar num evento e leva a arte visual a percorrer o caminho das artes cênicas. Dessa experiência nasce a *body art*, na qual o artista se coloca como obra viva, usando o corpo como instrumento, destacando sua ligação com o público e a relação tempo-espaço.

Figura 8 Jackson Pollock – Action Painting.



Fonte: <http://viniciusdomingues.com.br/tag/painting/>

Ou seja, tudo isso antecede a *Body Art*, pois é nesse momento que o espectador e principalmente os “entendidos” de arte começam a perceber que as obras de Pollock vão além daqueles respingos em cima da tela. Na verdade se dá por meio de processo que envolve toda uma *performance*¹⁶.

Nesse percurso é que a arte e o produto final não se limitam em uma tela que mede alguns centímetros, ou a um bloco de argila. A arte nesse caso vai além, ela está cada vez mais próxima a nós e por incrível que pareça, buscar a subjetividade e a originalidade é peça fundamental nesse processo criador.

¹⁵ Jackson Pollock, nasceu em Cody, no estado de Wyoming, no dia 28 de Janeiro de 1912. Foi um importante pintor dos Estados Unidos da América e referência no movimento do expressionismo abstrato. Mais informações sobre Pollock em

http://www.passeiweb.com/saiba_mais/biografias/j/jackson_pollock

¹⁶ Palavras em itálico refere a palavras estrangeiras.

Sobre isso, Cauquelin (2005, p.148), nos faz refletir que:

Grafite, intervenções, *body art*, funk art [...] A lista é incompleta por definição. Com efeito, nesse retorno ao estilo, a individualidade, a originalidade- ou individualização- são a regra: [...] O que une esses movimentos é a referência ao gesto, ao corpo e a reação ao ambiente direto. Esse ambiente pode ser a parede ou o metrô (grafite, pichações), a cidade (intervenções), o próprio corpo (tatuagens, happenings).

Assim os suportes artísticos passam a ser cada vez mais inusitados, tudo passa a ser usado como espaço para expressão, gerando uma reflexão que, às vezes, precede a própria proposta do autor.

Na contemporaneidade qualquer um pode criar arte como qualquer objeto pode se tornar uma produção artística até mesmo o corpo.

Para Cocchiarale (2006, p. 67):

A arte contemporânea pode estar em vários lugares simultaneamente desempenhando funções diferentes. Mas, o principal de tudo isso são os novos tipos de relação que ela nos faz estabelecer. O novo sujeito não será epistemológico como foi tentado por Kant, mas estético, um híbrido de contradições, por que o homem contemporâneo precisa de um modelo positivo da vivência da contradição.

Entendendo a arte contemporânea como algo que ainda pode trazer e sofrer muitas transformações, vamos nos familiarizando com as possibilidades que o corpo pode oferecer em favor da arte.

Cauquelin (2005, p.148) ainda afirma que “em cena o corpo torturado do artista – o inaceitável, o feio, o sujo, mesmo pavoroso. Como qualquer corpo do qual seria a expressão, a obra é efêmera, convive com a escatologia, o dejetivo e o lixo”.

A *Body Art* assume muitas vezes uma papel de ritual ou apresentação pública, apresentando ligações com o *happening* e a *performance*.

Além disso, utilizar o corpo como representação artística vem desde muito antes das vanguardas. Segundo Fabbrini (2002, p. 173):

O corpo depois de ser fragmentado pelo cubismo, distorcido pelo expressionismo, convertido em sonho pelo surrealismo, glamourizado pela pop art, documentado pelo hiper-realismo, descarnado pelas cirurgias dos artistas conceituais e até imolado nos confins da *body art* (...).

Ou seja, a desconstrução do corpo em busca de uma nova leitura do mesmo, vem de muito tempo, e no caso da *Body Art* ela não busca se assemelhar ao

renascimento, por exemplo, que buscava representar o corpo com exatidão, a partir de cálculos matemáticos. Na verdade a *Body Art* “apresenta o corpo de modo metafórico, como os demais suportes e materiais” (FABRINNI, 2006, p.180).

Na perspectiva da *Body Art*, alguns artistas se destacam pela ousadia, como é o caso de Priscilla Davanzo¹⁷ que tatuou em seu próprio corpo manchas de vacas.

Segundo falas da própria artista, transcritas no livro de Canton (2009, p. 37):

Essa coisa de permanente assusta as pessoas por que ninguém quer assumir esses compromissos. A tatuagem permanente representa um conceito totalmente diferente. Seria outra coisa se ela fosse pintada com tinta guache, por exemplo, principalmente no caso das tatuagens de vaca que eu faço no meu corpo. Assim, eu estou sendo vaca para sempre, não estou brincando de ser vaca.

Figura 9 Priscilla Davanzo - Everyday people Everyday Life 2, 2008.



Fonte: <http://ao-ocaso.blogspot.com.br/2008/04/priscilla-davanzo.html>

¹⁷ A artista visual paulistana Priscilla Davanzo questiona a relação entre body art e violência nos dias de hoje. "A partir da década de 80, a função de expor a entranha, ou de colocar o corpo no limite físico, ou mesmo de romper esse limite não é mais a de criar situação de violência."

Mais sobre informações sobre Davanzo em

http://www.itaucultural.org.br/index.cfm?cd_pagina=2720&cd_materia=201

Como fala a própria artista, a ideia de tatuagem permanente causa mais estranhamento e mais críticas do que a própria tatuagem em si. As pessoas se preocupam muito com as aparências, e nesse caso também com a dor. Nesse caso Canton (2009, p. 37) “é um elemento que pode ser incorporado nas práticas artísticas, assim como é aceito em atividades cotidianas ligadas ao culto ao corpo, como tratamento de beleza e exercícios.”

O corpo passa ser o espelho do artista, mas é um espelho reverso, pois ao contrário do que nos mostra um espelho tradicional onde vemos apenas o externo, nesse caso nos mostra a interioridade, a subjetividade e principalmente a essência de um conceito artístico, de ideais, de simbologias expressadas pelo autor da obra.

Essa essência está fortemente ligada a conceitos artísticos baseados no cotidiano e na forma como agem e pensam as pessoas. Por exemplo, Shirin Neshat¹⁸, artista iraniana, que transmite toda opressão feminina sofrida em seu país, mostra em fotografias o corpo como suporte de narrativas. Ela conta por meio de pinturas realizadas em seu próprio corpo, situações vivenciadas por ela, e pelas mulheres no islã. Diferentemente de Davanzo, a artista Neshat não tatua seu corpo definitivamente, ela utiliza pinturas corporais utilizadas pelas mulheres iranianas, iraquianas, árabes, em casamentos e festas e essas tintas são chamadas de Henna.

Figura 10 Shirin Neshat - Série Solilóquio, 1999.

¹⁸ Mais informações sobre Neshat em <http://www.bienal.org.br/FBSP/pt/Emnomedosartistas/Artistas/Paginas/participante.aspx?p=360>



Fonte: <http://www.artnet.com/artwork/426215744/425192648/shirin-neshat-soliloquy-series.html>

Hoje o corpo assume um papel totalmente distante do que exercia no Renascimento, por exemplo, segundo Vieira (2009, p.19):

Nunca o corpo feminino foi tão exaltado como na contemporaneidade. Segundo Le Breton (2003), não se trata mais de um corpo, mas de um acumulado de órgãos colados em algo que se denomina corpo. Um corpo descartável que paga o preço de sua beleza.

O tal preço da beleza, é imposto pela mídia e por padrões antagônicos a sua realidade corporal. Na arte, a beleza exterior verdadeiramente não é levada tão em conta, à beleza está totalmente associada ao valor estético como foi mencionado anteriormente¹⁹. Ainda como afirma Vieira (2009, p.19):

A intenção deixa de ser a afirmação do belo para ser a provocação da carne, o virar do avesso o corpo, a imposição do nojo ou do horror. O realce das matérias corporais (sangue, urina, excremento, esperma, etc) esboça uma dramaturgia que não deixa os espectadores ilesos e em que o artista, pelo corpo, recusa dos limites impostos à arte.

¹⁹ No texto 3.2 Arte contemporânea.

Um dos artistas que pode contribuir como essa afirmação é Rodrigo Braga²⁰, que deixa todo e qualquer padrão de beleza imposto pela sociedade, em busca de originalidade.

Figura 11 Rodrigo Braga - Fantasia de Compensação, 2004.



Fonte: <http://paulotrevisan.blogspot.com.br/2007/02/rodrigo-braga-o-impacto-da-imagem-e.html>

Nesse caso, a experiência, o processo e a ideia ajudam a conceituar a produção, que hoje já não é o objeto final, e sim todo o procedimento se torna obra, toda técnica se torna conceito.

Em todo caso, o conceito dado a uma obra como essa, é subjetivo e individual, o que nos faz pensar que toda opinião é válida quando se observa além da produção final. Já que para muitos artistas não basta utilizar o corpo como objeto de observação, ou seja, que a arte esteja sobre o corpo, na realidade o que se busca é uma produção com o corpo.

Essa produção segundo Pires (2005, p.87):

Significa, muitas vezes, que o indivíduo, para realizar sua obra irá agredir seu corpo de alguma forma. Principalmente nessas últimas décadas, agressividade e violência são comportamentos que permeiam nosso cotidiano direta ou indiretamente. O risco de sofrer ferimentos ou perder a vida já não parte mais de circunstâncias específicas, mas da própria situação social.

Ou seja, aquele chavão *“na arte não se tem uma resposta exata, você pode pensar o que quiser, tem o sentido subjetivo, tudo é arte...”* se torna cada vez mais consistente quando pensamos que os limites existenciais estão sendo colocados em jogo e a prova pelos artistas. Isso demonstra que a busca por afirmações pessoais e como cita Pires (2005, p.88):

²⁰ Nascido em Manaus (AM) em 1976, é radicado em Recife (PE), onde se graduou em Artes Plásticas pela UFPE em 2002. Expos em Bienais e outras galerias e foi vencedor de diversos prêmios de arte. Mais informações sobre Rodrigo Braga em <http://rodrigobraga.com.br/>

Em que a interatividade exagerada a necessidade cada vez maior de individuação; em que a globalização busca eliminar as diferenças e causa uma sensação de impotência; e em que a pluralidade cultural nos possibilita transitar entre tradições diversas, sentimos o crescimento da violência urbana e de seus ecos em nosso organismo – na forma de enfermidades como estresse e síndrome do pânico, por exemplo, que nos colocam diante da fragilidade da nossa condição de mortais e da banalização das relações e do corpo.

É nesse sentido que as experimentações artísticas utilizando o corpo acontecem. Hoje as afirmações vêm mais do outro do que de si mesmo quanto a seus próprios valores e atitudes. O corpo precisa se destacar entre os outros para ter identidade própria.

Portanto, mesmo que únicos, em meio à multidão nos tornamos mais um, mais um Ser que segue regras e padrões impostos por algo ou alguém, aquele que segue os conceitos aristocráticos, que pensa ser individual e acredita que é único por possuir traços particulares.

Ainda observando deste ângulo, acredito que uma tatuagem, por exemplo, é o prolongamento da mente, algo que mesmo demarcando externamente meu corpo, estou reafirmando aquilo que penso, aquilo que sou, bem como naquilo que acredito. Talvez ainda em alguns casos, a tatuagem não é considerada produção artística, e sim uma atitude de expressão, crítica, imposição de anseios, mas que de alguma forma usa o corpo como veículo de expressão, meio de impor seu pensamento. É importante reafirmar que o meio mais primitivo de comunicação se dava por meio de gestos corporais, e na contemporaneidade a arte busca se aproximar cada vez mais do singular, ou seja, o corpo, além de intrínseco, é puro, é meu! Portanto o meu corpo sou Eu!

4 ANÁLISE DE DADOS

Conforme mencionado durante a metodologia, como instrumento de coleta de dados apliquei um questionário a seis professores de arte que lecionam no ensino médio, na rede estadual e privada do município de Cocal do Sul. Dos questionários entregues apenas quatro retornaram, dessa forma analisei-os de modo a servir como resultado para minha pesquisa.

Nesse instrumento nove questões são abertas e descritivas e uma que contempla uma imagem provocativa, que diloga com o problema da pesquisa (questionário nos anexos desse trabalho).

A primeira questão versava sobre a formação dos professores, quanto a sua habilitação. Dos quatro, dois são formados em Artes Visuais e serão chamados respectivamente de professor A e B²¹. Já a professora C está em processo de formação em Artes Visuais e o professor D é formado em Educação Artística. Conforme destacado no texto, dois homens e duas mulheres. Quanto ao tempo que lecionam no ensino médio, a professora A faz oito meses, o professor B há dois anos, a professora C há seis meses e o professor D há mais ou menos doze anos.

Na seqüência a questão tratava da formação continuada e a freqüência que o professor participa. Nesse caso os professores A, C e D dizem que sim e professora A complementa que costuma freqüentar duas formações por ano. Já o professor B revela que no momento não está participando.

De acordo com Ferraz e Fusari(2012, p.52):

Para desenvolvermos o nosso trabalho com eficiência e qualidade, precisamos praticar ações tais como estudar, participar de cursos, buscar informações, discutir, aprofundar reflexões e práticas com colegas docentes. É importante participar ainda das associações de professores, de arte-educadores, o que contribui para a atualização e o desenvolvimento profissional e político, em todos os níveis de ensino.

Fica evidente quanto a importância do professor estar sempre em processo de formação. Seja de cunho formal, como cursos, especialização, palestras, oficinas, mas como também é válida toda troca feita entre colegas professores. É possível

²¹ As letras A,B, C, e D serão utilizadas na pesquisa para identificar os professores entrevistados já que os mesmos optaram pela isenção de seus nomes quando responderam o questionário.

perceber, nessas conversas descompromissadas certas dificuldades ou até possibilidades que encontramos em sala de aula.

A questão seguinte referia-se aos conteúdos selecionados no planejamento para as aulas de arte do ensino médio. Os professores, A e D, relatam que fazem uso da Proposta Curricular de SC. A professora A ainda acrescenta que utiliza as OCEM, e o PCN. Já os professores B e C, revelam que fazem uso de revistas, internet e livros adquiridos. A professora B ainda acrescenta que *“primeiro faz uma observação geral da turma nas primeiras aulas, procurando estabelecer continuidade dos conteúdos”*²². Além disso, a professora A conta da dificuldade em trabalhar arte em aulas de apenas quarenta e cinco minutos: *“Confesso que meu principal critério este ano foi elencar conteúdos que eu pudesse trabalhar no curto espaço de tempo que tenho. Tenho apenas uma aula de 45 minutos por semana, e isto, confesso, me atrapalha um pouco. Sempre tive duas aulas de Artes totalizando 90 minutos.”*

É importante lembrar que o professor de arte tem autonomia de selecionar os conteúdos que deseja ensinar, porém baseando-se sempre em documentos que competem ao ensino da arte. Segundo o PCN(1997,49): *“Os conteúdos poderão ser trabalhados em qualquer ordem, conforme decisão do professor, em conformidade com o desenho curricular de sua equipe e segundo critérios de seleção e ordenação adequados a cada ciclo.”*

Desse modo mesmo com livre arbítrio para decidir os conteúdos, o professor deve compreender a importância de relacioná-los com as vivências e levar em consideração o contexto em que o aluno se insere. Deve-se grifar que os conteúdos de arte precisam estar atrelados aos três eixos temáticos, o fazer, o apreciar e o contextualizar, ou seja, mas um meio de o professor concluir e alcançar o objetivo proposto na escolha de algum conteúdo.

A pergunta seguinte se referia a Arte Contemporânea e qual o conceito presente na prática dos professores participantes. Os professores B, C e D acreditam ser uma manifestação artística liberal de expressão e sentimento, B ainda acrescenta que é uma produção sem limites. A professora A também acrescenta que na arte contemporânea *“a forma fica em segundo plano, o que importa normalmente é o conceito. Devido a complexidade desse termo, muitas vezes fica difícil ter uma*

²² Os grifos acima destacam a autoria do professor envolvido na pesquisa, logo, opto por destacar as escritas em itálico e entre aspas.

definição fechada, pois a arte contemporânea está acontecendo, não se trata de um “movimento artístico” do passado.” E ainda ressalta que “a palavra contemporâneo se refere ao tempo atual. No entanto, quando se fala em arte contemporânea, há que se ter cuidado com esta definição, pois muitas produções contemporâneas (de nosso tempo) não se caracterizam como arte contemporânea. São contemporâneas no tempo, mas não no conceito.”

Complementado teoricamente as opiniões dos professores entrevistados, Cauquelin (2002, p.11) diz que:

A arte contemporânea no sentido estrito do termo – arte do agora, a arte que se manifesta no mesmo momento e no momento mesmo em que o público a observa. Tão-somente se trata de arte “moderna”, se entendermos por moderno o século XX em geral.

Portanto é indispensável a compreensão do tempo de produção artística contemporânea. Pois na verdade, a arte no conceito contemporâneo tem toda uma provocação, questões que vão além do fazer artístico e sim ligadas a um processo de criação muito mais intrigante e presunçoso.

As questões agora versam em torno da *Body Art*, ou seja, se eles (os professores) já ouviram falar ou se já leram sobre essa vertente artística. Todos afirmam já terem ouvido falar. No caso do professor B aponta que *“ouvi falar durante o curso de Artes Visuais, na apresentação de trabalhos de alguns colegas e em algumas leituras, mas não me aprofundei no assunto”*. Os professores asseguram compreender que *Body Art* é uma manifestação artística que utiliza o corpo como suporte. O professor D, completa com alguns exemplos, como a tatuagem, a mímica, a dança, o hip hop, a pantomima e a escultura.

Entender que a *Body Art* utiliza o corpo como veículo é fundamental, além de buscar compreender e desmistificar todos os códigos presentes em uma produção.

Na *body art*, ao contrário, a marca se aplica ao corpo glorioso do humanismo ocidental para profaná-lo, regindo contra o consumo. Para os militantes da *body art*, o corpo representou o último reduto da experiência estética. (VILLAÇA, 2007, p. 62).

Ou seja, a busca pela subjetividade e o modo como o artista apresenta o corpo de forma invertida, no caso, no seu mais íntimo e singular conceito, é o que faz a *Body Art* ser tão desconcertante e intrigante.

Na última parte do questionário, apresento aos professores uma imagem da produção artística de Priscilla Davanzo, onde a artista apresenta em seu próprio corpo a tatuagem de manchas de vaca.

Figura 12 Priscilla Davanzo .



Fonte: <http://site.videobrasil.org.br/acervo/obras/obra/81757>

Observando a imagem foram orientados a responder se reconhecem esta produção como arte contemporânea. Todos os professores entrevistados afirmam que reconhecem como produção artística contemporânea. O professor B acrescenta que *“é preciso existir alguns critérios para designar o que realmente é Body Art de uma simples tatuagem”*. A professora A cita os elementos visuais da imagem *“são manchas e palavras impressas (ou tatuadas) no corpo (costas).”*

Ainda observando a imagem questiono se é possível trabalhar algum conceito artístico e propor atividades a partir dessa imagem e se conseguem sugerir alguma proposta. Dos quatro professores, três afirmam que é possível sim. O professor D afirma que pode-se trabalhar sobre divisões, raças, natureza, água e mata atlântica, óleo e água. Já a professora C ressalta que é possível se trabalhar e relata: *“a frase que aparece na imagem, como um tema social mas de forma artística”*. O professor

B afirma que *“no momento não me desperta nenhuma atividade artística, talvez pelo fato de não conhecer muito sobre a Body Art”*. A professora A acrescenta que *“não tenho no momento ideias de atividades, talvez porque nunca pensei na Body Art como conceito a ser trabalhado em sala de aula. Mas é um conceito bem pertinente. Pensarei nisso.”*

É necessário fomentar no aluno a busca pelo desconhecido. Quanto antes nos colocarmos como provocadores diante dos alunos, mais instigados ficarão. Segundo Nardin (2001, p.185) *“quanto mais cedo tivermos a oportunidade de vivenciar e refletir continuamente sobre as produções contemporâneas mais subsídios teremos para apreciá-los no futuro”*. Nesse caso, tanto o professor, quanto o aluno deve nutrir seu repertório artístico de conceitos e experiências contemporâneas desde os primeiros contatos com a arte.

Já encaminhando para a última questão, pergunto se eles percebem dificuldade em propor experimentações tendo o corpo como veículo e ator do processo artístico na contemporaneidade, em específico na sala de aula. O professor B acredita que *“haveria certa resistência por parte dos alunos no início, mas seria possível quebrar preconceitos e desenvolver atividades utilizando o corpo como suporte”*. A Professora A completa que *“trabalhos usando o corpo como suporte nunca propus. Talvez teria dificuldades, pois o corpo ainda hoje é um tabu e as pessoas estão acostumadas a arte tradicional, acadêmica. A própria aula de artes é vista ainda por muitos como um espaço para desenho e pintura convencional. Talvez isso dificulte. Mas acredito que uma proposta deste tipo iria conquistar os adolescentes do Ensino Médio, que em geral gostam de novidades e de ousar. No momento não saberia como trabalhar, mas confesso que responder este questionário já me deixou com algumas inquietações...”*

Já o professor D atribui a dificuldade ao tempo em sala de aula, Segundo ele, *“os alunos gostam do assunto, mas falta estrutura, material, salas adequadas”*.

A professora C afirma que *“quando trabalhar vou procurar me informar bem e falar com alguma professora mais experiente, que já tenha trabalhado com esse assunto”*

Sabemos que incluir a arte contemporânea no planejamento escolar, pode se tornar uma *“pedra no sapato”* de muitos professores. Afinal, muitos ainda estão despreparados. E não por falta de conteúdo, pois na realidade não precisamos nem ir muito afundo para começar a compreender o modo de produção artística hoje. O

fato é que muitos professores se acomodam e deixam de buscar novas experiências, e em contrapartida, temos alunos desinteressados pelas aulas de arte, ou com conceitos errôneos sobre a disciplina. É importante ressaltar - antes do professor propor atividades e conteúdos mirabolantes para chamar a atenção dos alunos, com imagens que intrigam, geram discussões – a necessidade de estar atrelando teoria e prática de forma coerente. Entender que o aluno também pode contribuir nesse processo, afinal ele é um adolescente “*atenado*” em mídias, em tecnologia, em tecnologias cibernéticas, enfim.

Contudo, é importante pensar no estudo da arte contemporânea em sala de aula e que para Nardin (2001, p.222) deve:

Ser voltada para o cotidiano, para as manifestações de rua e dos grupos minoritários, para os filmes, para as propagandas, para a TV, para as revistas, para os CDs – para a sensibilidade da nossa época. E, ao mesmo tempo, propiciando condições para que os alunos possam entender as relações que as produções dos artistas estabelecem com a história da arte, com a cultura de massa, o mercado, com a política, com as revoluções tecnológicas.

Essa não é uma receita para o sucesso do ensino da arte contemporânea da escola, mas é indiscutível a teoria que diz respeito a inclusão do cotidiano para compreender as manifestações artísticas. Nesse caso em específico, o aluno consegue estabelecer relações importantes e principalmente reconhecer a produção artística atual e presente na sociedade onde ele se insere.

Acreditando que é possível trocar experiências em torno da arte contemporânea na escola e a possível inserção da *Body Art* como conteúdo de arte, sugiro como projeto de curso uma oficina de experimentação e proposições em torno desta temática.

4.1 PROJETO DE CURSO

Título: *Body Art* como possibilidades dentro da sala de aula.

Ementa: O corpo como veículo artístico. *Body Art* como conteúdo de arte. Ensino da arte e as questões sobre corpo e a produção artística contemporânea.

Carga Horária: 20h/a

Público-alvo: Professores de arte do município de Cocal do Sul.

Justificativa:

Compreendendo a importância citada ao longo dessa pesquisa, sobre o ensino da arte contemporânea na escola, em especial da *Body Art* como conteúdo de arte no ensino médio. Nesse sentido proponho uma formação continuada com ênfase na discussão e experimentação do corpo.

A formação trata de questões em torno da *Body Art* e suas especificidades como vertente artística. Serão levantadas possibilidades possíveis na sala de aula, e desafios que pode-se encontrar ao longo do processo.

Entendendo o professor como provocador, nada mais instigante do que tratar o corpo no ensino médio, onde as questões corporais são discutidas por adolescentes constantemente, seja envolvendo o próprio corpo como suporte de intervenções como *piercing*, tatuagens, cirurgias plásticas e até temas envolvendo a sexualidade. Segundo Nardin (2001, p.217):

É possível que o contato com a *Body Art* seja mais promissor se os alunos realizarem, simultaneamente, uma pesquisa sobre as pessoas comuns que se enchem de *piercings*, argolas, alfinetes, pedaços de madeira e ferro, que se tatuam, que realizam uma série de intervenções estéticas para moldar o corpo, e que ingerem substâncias tóxicas para produzir e sentir aqui que o organismo não lhes pode oferecer.

Desse modo oportunizo aos professores de arte um momento em que eles possam pensar e propor novos meios e ações de sucesso para se trabalhar a *Body Art* no espaço escolar.

Objetivo Geral:

Oportunizar aos professores de arte possibilidades de reflexões e vivências, onde o corpo seja o veículo de estudo, compreendido como possibilidade artística dentro da sala de aula, a partir da *Body Art*.

Objetivos específicos:

- Contribuir com propostas possíveis em sala de aula, utilizando o corpo como veículo;
- Experimentar o corpo como suporte, veículo e como ator;
- Compreender a *Body Art* como conteúdo de arte na escola;
- Debater, discutir, problematizar questões em torno da arte contemporânea e seus veículos artísticos;
- Conhecer e apreciar obras de artistas da *Body Art*.

Metodologia:

Serão cinco encontros realizados durante uma semana no período das 18h as 22h.

Encontros	Horário	Carga Horária	Proposições
1 ^a	18h às 22h	4h/a	Sala de informática: -Leitura e discussão do texto de Catia Kanton, <i>Corpo, identidade e erotismo</i> . - Divididos em trios os professores devem pesquisar sobre um artista citado pela autora. - Apresentação dos resultados da pesquisa em forma de Power Point, com informações sobre o artista, as temáticas abordadas por ele e principalmente imagens de suas obras/produções.
2 ^a	18h às 22h	4h/a	- Conhecer a vida e obra da artista Shirin Neshat. -Discussão sobre temas envolvendo o corpo e a imagem.

			<ul style="list-style-type: none"> -Produção artística, utilizando o corpo como suporte, transmitindo algum momento vivenciado por si mesmo, por meio das escritas corporais. - Apresentação ao grande grupo.
3 ^a	18h às 22h	4h/a	<ul style="list-style-type: none"> - Apreciação de obras de artistas que utilizam o corpo nu como veículo artístico, ou que incitam temas envolvendo a sexualidade. - Discussão desses temas, levando em consideração as possibilidades de se trabalhar esses artistas em sala de aula. - Diferença entre implantes, arte carnal, escarificação, tatuagem, <i>Body Art</i>.
4 ^a	18h às 22h	4h/a	<ul style="list-style-type: none"> - Divididos em trios os professores que participam da formação, devem pensar em como propor uma atividade que envolva a <i>Body Art</i> no ensino médio. Devem pensar em uma atividade significativa, que contemple esse conteúdo, um artista visto até então e uma justificativa explicando o por que da importância em se trabalhar a <i>Body Art</i> na escola. (apresentação das propostas no próximo encontro)
5 ^a	18h às 22h	4h/a	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação das propostas de atividade. Eles não devem aplicar a aula, apenas apresentar em Power Point, as possibilidades possíveis

			<p>dentro da sala de aula.</p> <p>- Finalizando discutindo abertamente no grupo a importância que a formação teve na construção de uma nova experiência e quais possibilidades reais poderão ser aplicadas.</p>
--	--	--	---

Referências

NARDIN, Heliana Ometto e FERRARO, Mara Rosângela. Artes Visuais na contemporaneidade: marcando presença na escola. In. FERREIRA, Sueli (org). **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas, SP: Papirus, 2001.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisar os questionários aplicados aos professores do ensino médio de Cocal do Sul, com intuito de compreender quais os desafios e contribuições da abordagem da *Body Art* como conteúdo de arte no ensino médio na perspectiva do professor, pude abarcar muitas respostas e chegar a algumas considerações. Embora, dita conclusão acredito que nunca se chega a um final concreto, na verdade o que chamo aqui de considerações finais, são relevâncias que pude compreender durante o processo da pesquisa.

Como meu tema permeava a Arte Contemporânea, não pude deixar de perguntar aos professores o que entendiam sobre, nesse sentido percebe-se ainda muitas dúvidas sobre o conceito da arte contemporânea por parte dos docentes. A falta de consistência nas respostas me levou a acreditar que o conceito está somente atrelado a ideia da produção artística nos dias atuais. Apesar de entender que isso não deixa de ser real, o professor, geralmente limita sua resposta em cima de conceitos objetivos e pragmáticos distaciando-se de reflexões estéticas, processos de criação, abordagens, fundamentação, enfim outros aspectos ligados à contemporaneidade.

Agora, entendendo que por falta de um contato mais significativo com a arte contemporânea, o professor se limita a proporcionar os alunos, apenas aquilo que entende ser importante e que já tem mais propriedade ou também algo que possivelmente esteja de antemão a seu acesso, seja por falta de cursos, políticas públicas ou formação contínua.

Dessa forma, acredito ser muito importante a formação continuada e as trocas de experiências, afinal toda possibilidade de criação em arte é bem vinda em narrativas entre docentes. Além disso, o professor deve buscar nutrir seu repertório artístico com experiências estéticas, visuais, sensoriais, musicais, corporais, enfim, toda experiência é válida na construção de um olhar mais sensível, crítico e reflexivo.

Voltando a falar sobre a pesquisa, em específico sobre as questões norteadoras, algo que não ficou explícito durante a análise de dados, foi o que percebi em relação as questões que envolviam o corpo. Quando chegava na escola e apresentava ao professor meu problema de pesquisa, a maioria, me olhava com

olhar de estranhamento. Talvez por falta de apropriação sobre o tema, ou até por desconhecer essa como desdobramentos da arte contemporânea.

Posso afirmar, enquanto acadêmica que durante o curso de Artes Visuais, tivemos um breve contato com a *Body Art*, durante a disciplina de Performance e Intervenção. Disciplina que posso alegar ser bastante provocativa, pois as temáticas abordadas naquelas aulas eram instigantes e era quase impossível não ter vontade de pesquisar sobre.

Por ser uma linguagem contemporânea, acredito que muitos professores, talvez os que estejam fora da Universidade há muito tempo, ou que não buscam pela formação continuada, deixam de propiciar aos alunos esse contato.

Infelizmente o corpo ainda é um grande tabu para algumas pessoas. Talvez por todos os conceitos que o envolvem em diversas áreas. Porém como veículo artístico o corpo tem papel fundamental na contemporaneidade. Hoje os artistas buscam ultrapassar os limites físicos e biológicos em busca de uma arte inovadora, e subjetiva.

É claro que muitas produções artísticas ainda se tornam um grande desafio a ser vencido pelo ensino da arte, pois a ousadia dos artistas é explícita em obras que utilizam o nu e envolvem a sexualidade, algumas ao extremo. Mas o professor não deve entender isso como um empecilho, ou uma barreira em sua atuação como docente. De certa maneira muitas escolas, pais, e os próprios alunos não estão maduros o suficiente para compreender certas produções. Nesse caso a maturidade que cito, não diz respeito à idade, mas sim a um aprofundamento artístico e teórico em torno das linguagens, correntes artísticas, enfim ao processo artístico que é mutável ao longo do tempo. Acredito que o professor que pode provocar no aluno a atitude de pesquisa é um grande incentivador do processo de maturidade do mesmo.

O professor também deve estar seguro quando for tratar sobre o assunto, afinal a *Body Art* pode se tornar um tema complexo para aqueles com pouca bagagem de leitura e imagem. É possível que os alunos questione-o sobre temas que não seriam relevantes no momento, mas que envolvem o corpo, por isso a importância de estar com bases teóricas bem sólidas, capazes de subsidiar os próprios argumentos.

Embora pareça complexa, a *Body Art* é um conteúdo tão possível como qualquer outro. Seja no ensino médio, no fundamental e até mesmo na educação

infantil. Basta ter coerência, levar em consideração o teor das imagens, a maturidade da turma e outras questões detectadas pelo próprio professor em sala.

Essas questões, acredito ser pertinentes levando em consideração as respostas dadas pelos professores quando indaguei sobre quais conceitos artísticos pode-se trabalhar em sala de aula a partir de uma imagem apresentada aos mesmos. Lembro que um deles cita a água, óleo, mata atlântica, como conceito artístico.

Essas são algumas fragilidades detectadas por mim durante a análise de dados e embora acredite que há muito desafios a serem rompidos pelos educadores, penso que as possibilidades são imensas e que as contribuições tanto para os alunos quanto para o ensino da arte no geral são incontáveis.

Contudo, acredito que essa pesquisa abre um leque de possibilidades futuras para compreendermos como os professores selecionam seus conteúdos, quais as fontes utilizadas por eles na escolha dos mesmos, questiona também quais tendências artísticas contemporâneas que são abordadas na sala de aula, de que maneira a arte contemporânea é abordada em sala de aula, e se o corpo é reconhecido pelos professores como veículo artístico.

7 REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. Secretaria de educação Fundamental: **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte** -Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

CANTON, Katia. **Corpo, identidade e erotismo**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

CANTON, Katia. **Do moderno ao Contemporâneo**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

CAUQUELIN, Anne. **Arte Contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins, 2005.

COCHIARALE, Fernando. Quem **tem medo de arte contemporânea?** – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2006.

COLI, Jorge. **O que é Arte**. Editora Brasiliense, São Paulo – 2006.

FABBRINI, Ricardo Nascimento. **A arte depois das vanguardas**. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.

FERRAZ, M H C. de T.; FUSARI, M.F de R. **Arte na Educação Escolar**. 4. reimp.Coleção. Magistério. São Paulo: Cortez, 2001.

FERRAZ, Maria H. C. de T. e FUSARI, Maria F. de R. e. **Arte na educação escolar**.São Paulo: Cortez, 2010.

FERRAZ, Maria H. e FUSARI, Maria F. **Metodologia do ensino de arte**. São Paulo: Cortez,1993.

GARDNER, James. **Cultura ou Lixo**: uma visão provocativa da arte contemporânea. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

LACOSTE, Jean. **A filosofia da Arte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. **Arte, só na aula de Arte?** Educação: Porto Alegre. 2011.

MATESCO, Viviane. **Corpo, imagem e representação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

MAKOWIECKY, Sandra e OLIVEIRA, Sandra Ramalho e. **Ensaio em torno da Arte**. Chapecó: Argos, 2008.

MEDEIROS, Rosângela Fachel. O corpo como identidade provisória: corpo, tecnologia e arte. **Revista da Fundarte**. Montenegro, ano 9, nº 18, p. 16-20, julho/dezembro, 2009.

NARDIN, Heliana Ometto e FERRARO, Mara Rosângela. Artes Visuais na contemporaneidade: marcando presença na escola. In. FERREIRA, Sueli (org). **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas, SP: Papirus, 2001.

NUNES, Benedito. **Introdução a Filosofia da Arte**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

OLIVEIRA, Sandra Ramalho e. **Ensaaios em torno da Arte**. - Chapecó: Argos, 2008.

PEREIRA, Daniele Cristina Zacarão. . **A influência da cultura contemporânea na (des)construção do corpo**. TCC (Curso de Bacharelado em Artes Visuais) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2009.

PIRES, Beatriz Ferreira. **O corpo como suporte da arte**: piercing, implante, escarificação, tatuagem. – São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

PROPOSTA CURRICULAR DA REDE MUNICIPAL DE CRICIÚMA: currículo para a diversidade: sentidos e práticas. Criciúma, SC : Secretaria Municipal de Educação, 2008.

SANTA CATARINA, **Proposta Curricular de Santa Catarina**: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, (disciplinas curriculares). Florianópolis: Secretaria de Educação e do Desporto, 1998.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Orientações curriculares para o ensino médio**: linguagens, códigos e suas tecnologias. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

VIEIRA, Carla B. e HAMM, Christian. A presença do corpo feminino como objeto na Arte Contemporânea. **Revista da Fundarte**. Montenegro, ano 9, nº 18, p. 16-20, julho/dezembro, 2009.

VILLAÇA, Nízia. **A edição do corpo**: tecnociência, artes e moda. São Paulo: Estação das Letras, 2007.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte**: um papel entre arte e ciências. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 1998.

APÊNDICE(S)

TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

Estamos realizando um projeto para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “ARTE CONTEMPORÂNEA E ENSINO MÉDIO: DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES DA *BODY ART* COMO CONTEUDO DE ARTE.” O (a) sr(a): _____ foi plenamente esclarecido de que participando deste projeto, estará participando de um estudo de cunho acadêmico, que tem como um dos objetivos compreender quais dificuldades, desafios e contribuições da abordagem da *body art* como conteúdo de arte que o professor encontra no ensino médio, de modo a valorizar a identidade dos alunos e aproximar a arte da realidade cultural dos mesmos. Embora o(a) sr(a) venha a aceitar a participar neste projeto, estará garantido que o(a) sr(a) poderá desistir a qualquer momento bastando para isso informar sua decisão. Foi esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro o(a) sr(a) não terá direito a nenhuma remuneração. Desconhecemos qualquer risco ou prejuízos por participar dela. Os dados referentes ao sr(a) serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 196/96, sendo que o(a) sr(a) poderá solicitar informações durante todas as fases do projeto, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta. Autoriza ainda utilização das escritas coletadas a partir de questionário e transcritas para cunho de pesquisa de graduação em Artes Visuais – Licenciatura/UNESC.

A coleta de dados será realizada pela pesquisadora Isaura Carolina Ramos Cauduro - (telefone :(48) 9658-8284) aluna do Curso de Artes Visuais - Licenciatura da UNESC orientada pelo professor Mndo. Marcelo Feldhaus (Telefone: (48)34312530). Criciúma (SC) ___ de _____ de 2012.

Desejo que minha escrita seja transcrita utilizando o nome:

Assinatura do Participante

Questionário

Criciúma, _____ de 2012

Senhor(a) Professor(a) de Arte,

Este questionário é parte fundamental na pesquisa que estou realizando para a composição do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Peço sua colaboração nas respostas a estas questões, com sua maior sinceridade. Lembrando que, para dar mais liberdade em suas respostas, seu nome será omitido nesta pesquisa.

Pesquisadora: Isaura Carolina Ramos Cauduro

1. Qual a sua habilitação?
2. Há quanto tempo leciona no ensino médio?
3. Você participa de formação continuada? Se sim com que frequência?
4. Quais seus critérios para a seleção de conteúdos no ensino médio? Quais documentos você faz uso?
5. O que é arte contemporânea para você?
6. Você já ouviu falar em *Body Art*? O que sabe ou o que já leu sobre?
7. Observe a imagem e transcreva sobre:



a) Você reconhece essa imagem como uma produção da arte contemporânea?
Justifique

b) É possível apresentar e trabalhar algum conceito artístico e propor atividades a partir dessa imagem? Qual proposta você sugere?

8. Você percebe dificuldades em propor experimentações tendo o corpo como o veículo e o ator do processo artístico, na arte contemporânea em sala de aula?
Justifique.